

O texto abaixo é apenas um resumo de conversa que tive com Osmarino. Não está formatado para publicação. Marquinho **MARCO ANTONIO WONGAWER**

Osmarino Amâncio Rodrigues, 40 anos, liderança seringueira do Acre, três vezes secretário do Conselho Nacional dos Seringueiros, morador da RE Chico Mendes, Colocação Pega Fogo, Seringal Humaitá.

Osmarino disse que o CNS deixou de ser um movimento para se tornar uma ONG. Com isso, ao invés da entidade se dedicar a fortalecer o sindicalismo nos seringais está se tornando uma gerenciadora de projetos. A mudança da sede do conselho, de Rio Branco para Brasília, seria parte desse processo de institucionalização do CNS. “Estive no escritório da CNS, em Brasília e fiquei espantado de não ver nas paredes do escritório fotos dos seringueiros, do Chico Mendes e de outros. Ao invés disso, tinha foto do Juan Carlos e sua família em viagens pelo mundo”. Juan Carlos é o técnico - economista, diz Osmarino - que faz o meio de campo interinstitucional do CNS em Brasília.

Como um segundo sintoma do distanciamento do CNS de suas premissas históricas originais, Osmarino aponta o projeto de exploração de madeiras nobres, implementado em alguns seringais. Segundo Osmarino, esse projeto foi implementado pela direção do CNS, com o apoio técnico do CTA, contra decisão do IV Congresso do CNS, ocorrido em Brasília há dois anos, explicitando divergências entre as bases do movimento e a atual direção do CNS, presidida por Gatão (Atanagildo de Deus Matos), que está em seu segundo mandato. Segundo meu entendimento, Osmarino crê que a orientação da atual diretoria está promovendo a desconciliação da preservação da floresta com a exploração econômica dos recursos, um dos esteios fundantes do movimento e do próprio CNS.

A estratégia para conciliar preservação com a exploração econômica da floresta esteve baseada no chamado “uso múltiplo dos recursos naturais”. O IV Congresso, segundo Osmarino, reforçou a tese do uso múltiplo - que pretende agregar valor a produtos florestais diversos, como polpas frutíferas, óleos e a própria borracha -, mas excluiu a exploração madeireira, defendida no encontro pela direção do CNS. “É nesse sentido que o CNS deveria estar atuando, conseguindo recursos para financiar pesquisas e máquinas beneficiar os produtos tradicionalmente explorados pelos seringueiros”. Osmarino afirma que prevaleceu a vontade da minoria.

Segundo Osmarino, a exploração madeireira tem sido apresentada pela direção do CNS - exceção feita ao vice-presidente, que é contra o projeto - como solução econômica contra a situação de empobrecimento dos seringueiros do Acre. O projeto tem plano de manejo e pretende obter a certificação da madeira para comercializá-la. Utiliza os próprios seringueiros como mão-de-obra e o pagamento seria feito através de salários. Osmarino não sabe quanto é pago, mas afirma ser pouco. (Beto fala que a CNS tem contratos com madeiras). “Aqueles seringueiros que não estão bem informados sobre as consequências desse projeto é que estão aderindo”, declarou. Ele cita dois seringais que aderiram ao projeto: Projeto de Assentamento Extrativista Porto Dias e Santa Quitéria, ambos no AC.

O risco, segundo Osmarino, de incentivar um projeto de exploração madeireira, é que ele favoreça alianças de seringueiros com madeiras, abrindo os seringais para esse tipo de capital, um dos inimigos históricos dos seringueiros. “Vai se perder o controle sobre isso e as madeiras vão de instalar em toda a floresta”, disse. Osmarino acha que essa estratégia é ilusória, já que os preços da madeira são fixados pelos compradores, e que em pouco tempo as madeiras comercialmente interessantes – mogno, cerejeira, samaúma, piquiá, castanheira - terão acabado. O manejo, na visão de Osmarino, não vai resistir à intensidade da exploração e logo “os seringueiros vão voltar à situação de dificuldades”. “O que a UDR e outros não conseguiram fazer o CNS está fazendo agora”, diz. “Os cifrões estão destruindo a mentalidade dos companheiros”. Osmarino afirma ainda que o CNS recusou passar-lhe uma cópia do projeto.

O que é o CTA – Centro (?) de Trabalhadores da Amazônia, reúne um time de técnicos da área florestal oriundos da Fundação Tecnológica do Estado do Acre (Funtac), entidade governamental da qual o engenheiro Jorge Viana, atual candidato ao governo pelo PT, é um dos integrantes mais ilustres. O CTA, que segundo Osmarino tem uma infra-estrutura instalada melhor que a da maior parte das prefeituras do estado, tem mantido relações históricas de apoio ao CNS é bem reputada entre os seringueiros. Mas, segundo Osmarino, é a mentora do projeto de manejo de madeira dos seringais. O principal autor da idéia, segundo Osmarino, é Gil Siqueira, assessor de Jorge Viana na secretaria de Planejamento em sua administração na prefeitura de Rio Branco. “Esse pessoal todo mudou e eu tenho certeza de que o Chico Mendes e outros que perderam a vida no movimento teriam o meu posicionamento”. Ou seja, frontalmente contra o projeto.

Osmarino associa esse novo momento do CNS à influência das ONGs. Para Osmarino, as ONGs têm desperdiçado muito dinheiro na organização de debates e congressos - ele citou a Eco-92. “São poucas as entidades que investem em coisas palpáveis na Amazônia. Tem muito debate, muita conferência tomando esse dinheiro”. Osmarino afirmou, categórico, que Gatão não decide nada sem Juan Carlos e as ONGs. “O CNS é refém das ONGs”, disse. “As ONGs estão dando o aval para projetos como esse do CTA, que não respeita a decisão das bases”.

A presença das ONGs na Amazônia estaria também contribuindo para a biopirataria, no entender de Osmarino, já que estas se articulam com técnicos estrangeiros – tantos de ONGs internacionais quanto de agências de financiamento – e estes vêm até a floresta e têm acesso aos recursos genéticos e, às vezes, ao conhecimento das populações tradicionais. Eles estariam repassando essas informações e plantas aos laboratórios. “Nossa preocupação é o que vai ser da CNS daqui para a frente”, fechou. (ISA, 11/05)

Sugestão de fontes sobre o assunto, segundo Osmarino:

Paulo Kageyama, Esalq (0194 21.7519 – casa - 336.6081/ 33.6155)

Rosa Roldan, Ibase, que produziu um texto sobre o assunto (021 558.0204/ 021 286.6161)